

## TOCAR A PELE NAQUILO QUE ELA NOS TOCA: FROTAGEM COMO CONTATO

*TOUCHING THE SKIN ON WHAT IT TOUCHES US:  
FROTTAGE AS CONTACT*

**Ana Tereza Prado Lopes**

---

### RESUMO

O artigo reflete sobre alguns aspectos da frotagem, técnica presente na minha produção artística e que abriga particularidades em situações específicas. Relações de contato e aproximação são cultivadas dilatando, deslocando momentos. Tempo e espaço, matéria e gesto coincidem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Superfície; Contato; Gesto; Frotagem.

### ABSTRACT

The article reflects on some aspects of the frottage, technique present in my artistic production and which houses particularities in specific situations. Relations of contact and approach are grown dilating, displacing moments. Time and space, matter and gesture coincide.

**KEYWORDS:** Surface; Contact; Gesture; Frottage (Rubbing).

### Da frotagem

A frotagem é um exercício de intimidade, de aproximação com algo ou algum lugar que nos afete. Nasce da pressão das mãos que friccionam uma matéria em outra, uma que, papel ou tecido, se experimenta como suporte; outra que, em suas ranhuras, se revela como corpo. Com o auxílio de um material de desenho, como o carvão ou o grafite, surge a imagem quando um suporte entra em contato com a superfície de um corpo. Imagem friccionada que aparece no toque, no movimento, breve, num encontro.

A origem da palavra “frotagem” vem do verbo da língua francesa “frotter” que significa em português, friccionar. Frotagem, então, seria, o resultado de uma ação, daquele que frota, que fricciona um material de desenho sobre uma superfície. Max Ernst criou essa técnica no início do século XX como forma de automatismo surrealista. O artista surrealista buscava capturar imagens e ativar o inconsciente, transferindo para o papel texturas de relevos nas superfícies encontradas no seu entorno, como em “História Natural”, publicação de um portfólio composto por trinta e quatro pranchas reproduzidas e com texto de apresentação de Hans Arp.



Figura 1. Max Ernst fazendo frotagem sobre uma tábua de madeira,1925.

Na contiguidade física entre o suporte (uma folha de papel, por exemplo) e a matriz (um corpo qualquer), surgem ações que partem daquilo que é físico, mas que vão além dele. Um corpo que desliza sobre outro, toca, esfrega, roça sua superfície aproximando distâncias, produzindo um tipo de impressão por contato direto e de registro imediato que acolhe deslocamentos espaço-temporais e também materialidades, acolhendo a fricção como condição de existência.

Técnica usada na arqueologia e na paleontologia, a frotagem nos apresenta a disseminação de tempos e lugares num mesmo corpo, seja ele a origem (matriz) ou a sua transferência (suporte). Num deslimite de escala ao alcance da mão, indo do grande ao muito pequeno, as marcas de um corpo se apresentam no aparecimento de uma imagem trazendo uma qualidade infrafino Duchampiana<sup>1</sup>: a de lidar com algo ou alguém na sua própria ausência. Registro como traço, marca e impressão de momentos. Registro de temporalidades vividas de um corpo que é transferido para novos ambientes, estados e contextos.

É preciso se debruçar sobre o corpo a ser frotado. Do volume e texturas de diversas matérias, forma-se um desenho onde gestos são impressos de acordo com a mão daquele que toca a superfície e com eles suas variações de pressão, força, velocidade e direção que se exprimem conforme a materialidade do corpo tocado. Num gesto sempre inaugurado, a repetição do ir e vir da mão, a aparição do traço gráfico de um corpo tridimensional. Através de transferências de uma superfície a outra, num passear no tempo que se estica, dobra e desdobra, um fazer algo aparecer que faz a matéria vibrar. Cada matéria tem a sua vibração.

### **O que está aparecendo para os meus olhos e os do outro**

Venho trabalhando com a frotagem decalcando superfícies por onde estive tentando me aproximar dos lugares visitados e dos instantes vividos. São experiências que se dão em diferentes espaços e que nos fala um pouco de cada momento frotado. Quando convidada para participar da exposição “Feminino gabinete de curiosidades” no Palácio Rio Negro, Petrópolis, Rio de Janeiro (2018), propus decalcar as escadas da entrada principal e do porão do museu. Da primeira, que dá acesso ao prédio, a pedra nobre, lisa, clara. Da segunda, onde está localizada a cozinha dos funcionários, a pedra rugosa, bruta, escura. Duas materialidades diferentes que nos fazem refletir sobre o uso de seus degraus e nos aproximar dos passos daqueles que por ali pisaram.

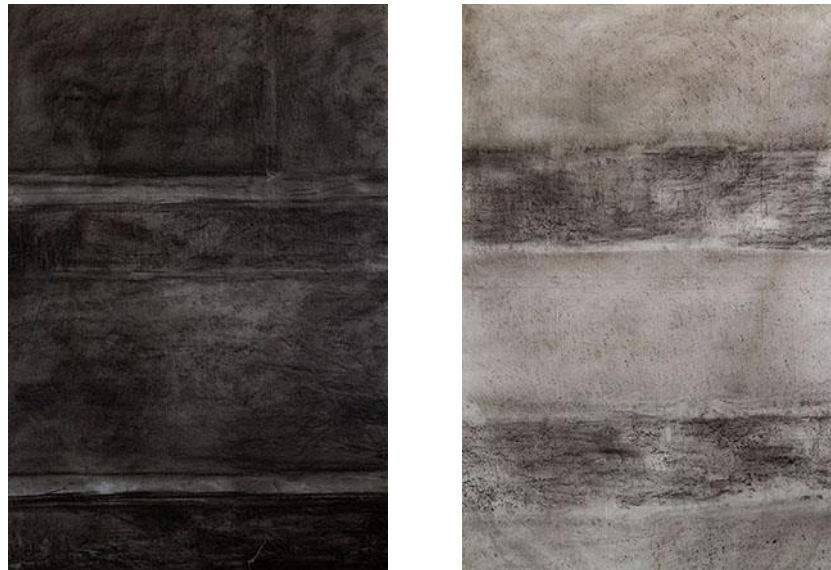


Figura 2 e 3. Escada porão, 2018. Escada principal, 2018. Frotagens, 86 x 116 cm.

Antes disso, na ocasião de outra viagem para participar de exposição, agora na cidade de Aveiro, a série de frotagens que fiz em diferentes pontos dessa cidade se torna registro e memória de diferentes vivências. São anotações visuais, traçadas em pequenos cadernos de

viagem de situações que ativam o meu imaginário e pedem diferentes comportamentos de meu próprio corpo sobre a superfície que trabalho. Caminho pela pequena cidade portuguesa procurando traços e texturas, que são transferidos para a folha de papel. No caderno de viagem está a anotação: "Frotagem 1. Aveiro. Agacho. Sobre a pequena folha de meu caderno de viagem, passo o bastão, decalcando as ruas da cidade portuguesa e descubro a textura do piso por onde os habitantes de Aveiro caminham. Por um breve momento habito aquele chão como também habito aquela pequena folha de papel de meu caderno."

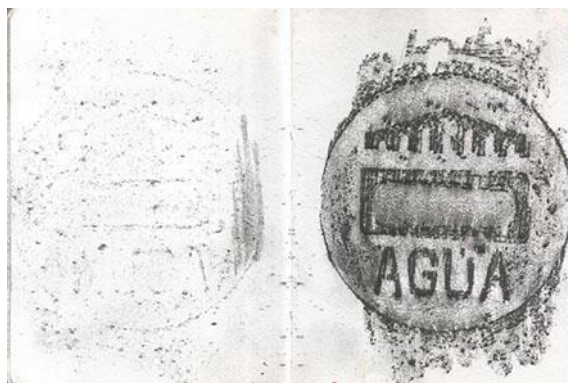


Figura 4. Frotagem 1 Aveiro, 2015. Caderno de viagem, 15 x 10 cm.

Numa outra paisagem, a de Visconde de Mauá, caminho e colete galhos caídos das árvores. No friccionar o papel, que de tão fino me obriga a passar levemente o bastão de carvão sobre os galhos, conheço um pouco das texturas das árvores com que cruzei nas caminhadas que fiz ao descobrir o Vale das Flores. De suas cascas com formas sinuosas, aquilo que um dia já foi e sempre será, árvore.



Figuras 5 e 6. Frotagem 1 Mauá, 2017. Frotagem 2 Mauá, 2017. Frotagem ,110 x70 cm.



Da materialidade das transferências dos lugares e de seus tempos, da delicadeza do papel de fibras resistentes, a criação de imagem. A descoberta da textura das pedras das escadas do Palácio Rio Negro, do grafismo do chão de Aveiro, da curvatura dos galhos das árvores do Vale das Flores em Mauá, a aproximação das particularidades dessas superfícies que traduzem maneiras de organizar e de estruturar a matéria.

Na intimidade de meu ateliê, por diversas vezes adicionei e retirei pó de carvão sobre folhas de papel esticadas no chão, frotando e impregnando esse suporte com a gordura de meu dedo. Em "Frotagem 1", da série "O que fica é a gordura de meu dedo" (2018), o resíduo de meu corpo desenha sobre esse suporte. Estico o papel de fibras longas sobre o chão, quase transparente de tão fino, porém, resistente. Me concentro numa determinada área reduzida. Passo pacientemente o grosso bastão de carvão sobre o fino papel. Várias vezes repito o gesto. O pó se fixa levemente sobre o papel com a dispersão da gordura que sai do meu corpo. Passo meu dedo muitas vezes, tirando o máximo de pó. O papel, de uma cor creme amarelada, recebe essa matéria resistindo à pressão que faço sobre a sua superfície. Repito o mesmo procedimento várias vezes, durante diferentes visitas ao ateliê. Uso o ferro de passar roupa quente na tentativa de imprimir mais traços. Com o calor, o papel adere ao chão e absorve diferentes texturas, marcas, desníveis do piso feito de cimento e pequenos relevos são moldados com o calor do ferro.



Figura 7. Frotagem 1. Série O que fica é a gordura de meu dedo, 2018. Frotagem, 86 x 116 cm.

Do espaço do ateliê, o aconchego de minha casa e a produção dos trabalhos mais recentes (2019-20). Froto as medidas com as quais me relaciono no acordar e no dormir do dia, do

lugar que conhece meu sono, de paredes impregnadas por minha respiração, que me modula e imprime sua pulsação no meu corpo. Na dispersão do carvão por toda a folha de papel, a arquitetura de minha casa toma outro corpo, suporte, materialidade. Se nas frotagens do ateliê, a gordura, a massa do cimento informe, agora, quando frote o chão da sala ou o banheiro de minha casa, linhas marcadas dos pisos de fórmica e cerâmica, da geometria e dos padrões. Superfícies que falam dos lugares e das vivências por elas acolhidas indo além do que é visível e que nos leva a lidar com a frotagem como a apropriação de um lugar e de um instante. Não estaríamos habitando por um breve instante aquela superfície da qual decalcamos suas peles?

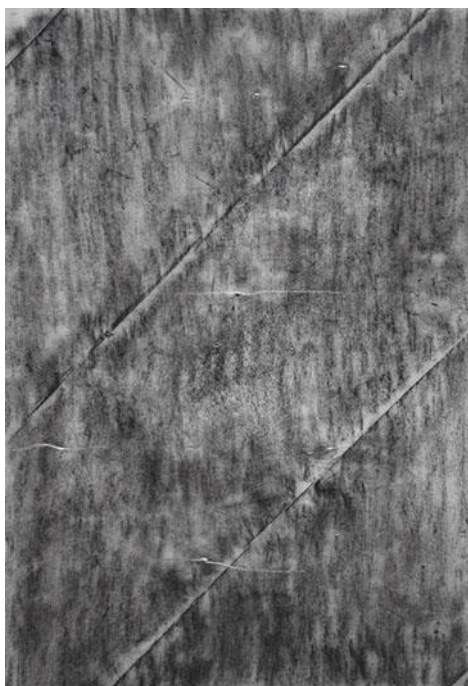


Figura 8. Frotagem 4 do chão da minha casa, 2020. Frotagem, 89 x 59 cm.

### **“As coisas acontecem na superfície.”**

“As coisas acontecem na superfície” (BACHELARD:1988 p.133) escreve Gaston Bachelard. A superfície na frotagem, seria o ser próprio deslocado de um corpo volumoso e que se apresenta numa fina película. Avistaria, então, a apresentação de um corpo na forma de imagem? Estar na superfície na frotagem, seja na matriz, seja na sua transferência, seria um momento de conhecermos a pele que habitamos e que, possivelmente, desejamos conhecer mais a sua origem, o mundo.

Otávio Paz escreve que “...a pele é como uma nova consciência”. (PAZ:2017 p.23) Ao escrever sobre a busca do poeta pela comunhão, Paz diz que ele não só descobre a força secreta do mundo, mas funde-se com ela. Estar na superfície seria então encontrar com a pele, tocá-la,

cultivando trocas. Pele-mundo. Troca e toque, movimentos e ritmos surgem na exploração de um território a ser descoberto, de corpos lisos, rugosos, ondulados, porosos, duros, moles. Um quase-molde daquilo que foi tocado, uma superfície que se encontra com outra superfície.

A partir da materialidade das coisas, descobrimos modos de experimentar e lidar com forças do universo. Ao usarmos as mãos, ao tocar algo, criamos uma proximidade com aquilo que é o nosso entorno. Através da leve pressão que faço, o pó de carvão repousa e se instala sobre a superfície. Reter, parar o movimento, por um breve instante, conhecer a sua permanência numa superfície, de seu repouso, conhecer o contato daquilo que a película acolhe. Do roçar a pele do outro aderindo ao seu movimento, provocando o encontro de corpos, que vão além de suas fisicalidades, des-cobre-se o movimento do mundo, de um estado de convívio que abarca a experiência de se moldar com e a partir do outro. A frotagem nasce com o movimento entre superfícies.

Ao tornar algo imagem, trazemos de volta ao mundo o que é do mundo. Ao nos envolvermos com um corpo, ao tocá-lo, o contato não é somente uma forma de estar perto, presente, mas, também de conhecer, um “conhecimento por contato” (DIDI-HUBERMAN:2009 p.70), como escreve George Didi-Huberman ao falar sobre a obra de Giuseppe Penone. O artista frota folhas, troncos de árvores, corpos vegetais encontrados em espaços da natureza e frota também o seu próprio corpo, criando paisagens íntimas, como nas séries de desenhos “Paisagens do cérebro” e “Pálpebras”, com diferentes dimensões, feitos com nanquim e carvão. Mencionando a faculdade que a matéria tem de se lembrar, o artista, celebra a imagem cega, tátil, produzida por contato, por pressão, diz: “É a pele totalmente desaparecida pela aderência que suscita a imagem.” (DIDI-HUBERMAN:2009 p.72)

Didi-Huberman ao se referir à obra do artista, escreve sobre a pele como paradigma e fala da frotagem como “inquietação escultural de obrar os traços” (DIDI-HUBERMAN:2009 p.67). Segundo o historiador de arte, ao realizar frotagens, Penone faz uma leitura tátil das coisas, conhecendo-as intimamente, e diz que “Há de se escolher como se quer conhecer... .” (DIDI-HUBERMAN:2009 p.69), se afastando ou se aproximando, tocando ou não tocando o objeto do conhecimento.

Além de Penone, outros artistas fazem diferentes usos da frotagem em suas poéticas. Malu Fatorelli frota marcos da arquitetura brasileira, como fez com as colunas do MAM-RJ para a exposição realizada neste museu em 2001. Sterling Ruby, explora a frotagem junto a outras linguagens, produzindo pinturas de grande escala. Rayyane Tabet frota relevos do templo Tell Halaf na Síria, descoberto em 1899, como pode ser visto na exposição “Alien property” em cartaz de 19 de outubro de 2020 a 18 de janeiro de 2021 no Metropolitan Museum em Nova York, fechado nesse momento em razão da pandemia do Covid-19. Artistas da atualidade que, entre outros, reinventam o uso e a criação da frotagem.

Como queremos conhecer as coisas? Conhecer o mundo?

### **Criar mundo a cada repetição de um gesto**

A ação física da frotagem, do esfregar um suporte sobre um objeto-matriz, nos leva para a vivência do gesto. Cada matéria pede um determinado gesto. Num lidar com as matérias do mundo num determinado momento, num determinado local e hora do dia, um “acontecer”, como nos exemplos dados por Tim Ingold (INGOLD:2012 p.27), da pipa que existe no seu voo e que se torna pipa-no-ar, da árvore-no-ar, da pedra-na-água, ir ao encontro de formas de vida. Deleuze e Guattari falam de “...onde a forma não para de ser dissolvida para liberar tempos e velocidades” (DELEUZE e GUATTARI:1997 p.48) e da ideia de “matéria-fluxo” (DELEUZE e GUATTARI:2007 p.89). A forma, então, libera forças, temporalidades e espacialidades e um élan vital, tal qual no gesto de frotar. No movimento do ir e vir, no roçar de peles, algo se dá, um desenho cego, tátil. Um corpo tridimensional que se torna imagem é deslocado de seu habitat, de seu tempo, como um instantâneo fotográfico, onde o registro de algo se dá. Na imprecisão de traços, de pele decalcadas e transferidas, um corpo que vagueia, inexato, fiel às ondulações, reentrâncias e porosidades do ser. Imprecisão nascida do movimento. A coisa viva como imagem, que se originou no gesto de alguém que se debruçou sobre algo, que se curvou sobre a intimidade do corpo frotado. A frotagem lida com a transmutação de um corpo que se torna imagem, absorvendo e disseminando particularidades, adquirindo qualidades inaugurantes. Corpo transferido, desenhado, que nasce da fricção, do contato, no surgimento de um encontro.

Reentrâncias, texturas, linhas, tramas são formas de ser que se apresentam no mundo, são formas de corpos se modelarem. Com uma leve pressão, um suave atrito, a matéria vibra. Gesto, matéria, espaço e tempo coincidem na frotagem. Pensar aqui o gesto, é tentar refletir sobre as possibilidades da matéria, da potência de colocar as coisas em movimento. Nenhum gesto é igual ao outro, e ao outro, ou qualquer um que tenha sido feito ou que irá surgir. É da arte inaugurar algo cada vez que um gesto é repetido, criar mundo a cada repetição de um gesto. Cabe a nós na contemporaneidade, reapropriar o gesto, recolocá-lo no mundo. Cabe a nós definir como ele nos define.

**“É o instante, esse pássaro que está em toda parte e em nenhuma”** (PAZ:2017 p.92)

Na prática da frotagem, através do contato com a matéria, tocamos aquilo que está iminente, prestes a aparecer e desaparecer, o tempo. A frotagem roça o tempo presente que está surgindo e que delicadamente nos convida a habitá-lo. No gesto de frotar uma superfície, lidamos com o movimento anacrônico de tempos deslocados, onde o passado se atualiza num presente que anuncia um futuro, como a própria imagem que é gestada e aparece simultânea a sua feitura. Dobra do tempo, como numa imagem-tempo deleuziana, uma imagem cristal. Momento que se estica, se estende na matéria, sobre a sua superfície, algo que aparece e se concentra na fixação do material. Frotamos o tempo, como o “it” de



Clarice Lispector no seu livro "Água viva", diz a narradora: "Tenho uma coisa importante para te dizer. É que não estou brincando: it é elemento puro. É material do instante do tempo." (LISPECTOR:1998 p.34)

Habitamos a coisa frotada de um presente que não está mais lá, que já se foi antes mesmo de sua aparição, deixando marcas. No movimento de deslocar-se, de sair de si, o encontro. É preciso sair de seu próprio corpo, encontrar outra superfície, outro suporte, outra materialidade para, então, se encontrar. Habitamos a busca pelo presente, pois uma vez chegado, parte como se não tivéssemos tomado conta dele, sem o seu devido cuidar. Mas por alguns instantes, paramos e o experimentamos, seja num breve agora, e/ou, num rememorado depois, seja na sua busca.

**"Não mudamos de lugar, mudamos de natureza"** (BACHELARD:1997 p. 210)

No mundo, os seres se modulam, se frotam uns aos outros, como as águas nas pedras das margens de rios ou junto ao mar e os passos dos transeuntes sobre os pisos de espaços urbanos.

A frotagem existe das particularidades de cada lugar, objeto, matéria, superfície. Existe de cada gesto, mão, corpo. Acontecimento plástico que lida com o tempo inscrito nas superfícies que é deslocado e pode ser ativado a qualquer instante. Aquilo que se modula, se ajeita em nós. Mudamos de natureza, como nos ensina Bachelard.

## Notas

---

<sup>1</sup> Infracino é a tradução da palavra em francês *inframince*. *Inframince* é o termo cunhado por Marcel Duchamp para o conjunto de notas escritas pelo artista no período de 1915 a 1923 (ver *NOTES* em Referências). Foi criado para designar, o que está entre uma coisa e outra, o que fica em contato, no meio. Aquilo que é quase imperceptível, invisível. Adjetiva sensações, estados, singularidades, um estado particular das coisas. Exemplo de infracino: o calor de um assento logo após alguém partir. Neste artigo esse termo é usado para pensar o lidar com algo ou alguém na sua própria ausência.

## Referências

BACHELARD, Gaston. *Dialética da duração*, São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. *A poética do espaço*, São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DIDI HUBERMAN, Georges. *La ressemblance par contact. Archéologie, anachronisme et modernité de l'empreinte*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ser crânio: lugar, contato, pensamento, escultura*. Belo Horizonte: Editora C/ARTE, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

---

\_\_\_\_\_ . *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, vol. 5,2007, p.89.

DUCHAMP, Marcel. *Notes*. Paris: Flammarion, 1999. (org.) Michel Sanouillet. *Duchamp du signe*. Paris: Flammarion, 1994.

INGOLD, Tim. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. Porto Alegre: Revista Horizontes Antropológicos, ano 18, n.37, p.25-44, jan./jun. 2012.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PAZ, Otavio. *A busca do presente e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

### **Ana Tereza Prado Lopes**

Nasce no Rio de Janeiro. Desde 2019 é professora adjunta do Instituto de Artes da UERJ onde é a atual coordenadora do curso de bacharelado em artes visuais. Mestre e doutora em Artes Visuais pela UFRJ. Artista, curadora e pesquisadora, inicia seus estudos na EAV do Parque Lage. Possui graduação em artes plásticas pela ESAV/HEAD, especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil pela PUC. Realizou cursos de extensão na SVA, Parsons e The Cooper Union. contato:anaterzapradolopes@gmail.com